

# Efeito das Ações Empreendedoras na Sustentabilidade Financeira e na Longevidade dos Grupos Empresariais de Saúde Privada no Brasil

**Wesley Marques Nascimento**

Universidade Fumec | [wesleyhfr@hotmail.com](mailto:wesleyhfr@hotmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0004-7510-9630>

**Wendell Alex de Castro**

Universidade Fumec | [wendel.silva@fumec.br](mailto:wendel.silva@fumec.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-4974-8381>

**José Edson Lara**

Fundação Pedro Leopoldo | [jedson.lara@hotmail.com](mailto:jedson.lara@hotmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-6120-075X>

**Resumo:** O objetivo da presente pesquisa foi mensurar o efeito das ações empreendedoras na sustentabilidade financeira e longevidade dos grupos empresariais no setor de saúde privada no Brasil, como oportunidade de oferecer uma contribuição ao conhecimento executivo, com foco neste setor e na temática da ação empreendedora e seu impacto na competitividade e longevidade. A relevância da pesquisa se justifica considerando o papel social e humano prestado por hospitais e clínicas. Para atender ao objetivo traçado, foi adotada uma abordagem mista, combinando análises qualitativas e quantitativas, onde foi evidenciado que Hospitais e clínicas que operam em grupo empresarial possuem maior resiliência econômica e eficiência operacional, favorecendo a geração de valor e uma gestão financeira sustentável. Na análise qualitativa destaca a importância da governança corporativa, do planejamento estratégico e da inovação como fatores determinantes para a perenidade no mercado, além de reforçar os achados da pesquisa quantitativa.

Palavras-chave: competitividade, empreendedorismo, gestão, saúde privada, sustentabilidade financeira

**Abstract:** The objective of this study was to assess the impact of entrepreneurial actions on the financial sustainability and longevity of business groups in the private healthcare sector in Brazil, as an opportunity to contribute to executive knowledge with a focus on this sector and on the theme of entrepreneurial action and its influence on competitiveness and longevity. The relevance of the research is justified by the social and human role played by hospitals and clinics. To achieve the proposed objective, a mixed-method approach was adopted, combining qualitative and quantitative analyses. The results revealed that hospitals and clinics operating within business groups demonstrate greater economic resilience and operational efficiency, fostering value creation and sustainable financial management. The qualitative analysis highlights the importance of corporate governance, strategic planning, and innovation as key factors for long-term market presence, while also reinforcing the findings of the quantitative research.

Keywords: competitiveness, entrepreneurship, financial Sustainability, management, private health

## **INTRODUÇÃO**

Considerando que o ambiente empresarial contemporâneo é marcado por incertezas, complexidades e elevado nível de competitividade, em específico no setor de saúde privada, é relevante a adoção de estratégias que sejam capazes de assegurar não apenas sua sobrevivência, mas também sua capacidade de gerar valor de forma contínua (Franco, 2001), dentre as quais podem ser mencionadas às formações em rede, tanto interorganizacionais quanto intraorganizacionais, que segundo Chassagnon (2014) e Lima et al. (2022) tem demonstrado potencial significativo em promover ganhos de escala, compartilhamento de recursos e aumento da competitividade.

No que diz respeito às redes intraorganizacionais, nota-se uma lacuna na literatura, e a relevância da pesquisa se justifica considerando que grupos empresariais que tem por característica a rede interorganizacional apresentam elevado grau de coordenação e cooperação entre as unidades, sendo dotadas de regras, responsabilidades e mecanismos de governança claramente definidos (Mierzejewska, 2020; Mierzejewska & Dziurski, 2023).

Compreende-se que essa configuração oferece um ambiente propício para a implementação de ações empreendedoras caracterizadas pela gestão de riscos operacionais, controle financeiro, capital de giro, competitividade, geração de valor e planejamento de longo prazo, entre outras práticas que influenciam diretamente a sustentabilidade financeira e a longevidade organizacional, como destacado por Matias (2007a) e Nguyen et al. (2020). Weerawardena, McDonald e Mort (2010) ressaltam que a capacidade de se sustentar financeiramente ao longo do tempo é uma condição essencial para que as organizações cumpram seu papel social e econômico, especialmente em setores críticos como o da saúde.

Em se tratando do Brasil, dados revelam uma preocupante realidade para os hospitais privados no Brasil, tendo em mente que segundo a Federação Brasileira de Hospitais (FBH, 2023), entre 2010 e 2023, cerca de 2.979 hospitais privados encerraram suas atividades, afetando principalmente unidades de pequeno porte e de fins lucrativos. Francisco Balestrini, presidente do Sindicato dos Hospitais de São Paulo-SindHosp e ex-presidente da International Hospital Federation -IHF, relata que essa crise estrutural foi agravada por fatores como a pandemia do novo coronavírus COVID-19, onde os hospitais perderam mais de 18 bilhões de reais em apenas 3 meses (SINDHOSP, 2020), além de mudanças regulatórias e a elevada dependência de repasses das operadoras de planos de saúde (Allebrandt et al., 2020; AHA, 2021).

Eventos como estes evidenciam a urgência de se repensar os modelos de gestão adotados pelas instituições de saúde e de explorar alternativas como a formação de grupos empresariais que possam mitigar riscos, compartilhar estruturas e ampliar a eficiência operacional. Além disso, estas ocorrências destacam a relevância de se investigar o papel

das ações empreendedoras na sustentabilidade financeira e na longevidade das empresas do setor de saúde, especialmente quando organizadas sob a forma de grupos empresariais.

Conforme Branco (2013) e Mungule e Vuuren (2016), estas ações têm a capacidade de não apenas elevar a capacidade de resposta das empresas frente às mudanças do ambiente externo, mas também de fortalecer os vínculos com stakeholders, racionalizar processos internos e estimular a inovação.

Parte-se da hipótese de que tais ações, ao serem sistematicamente incorporadas à gestão dos grupos, podem representar um diferencial competitivo importante em um mercado cada vez mais exigente. Cabe destacar que a relevância da pesquisa se justifica tanto do ponto de vista científico, ao ampliar o corpo teórico sobre empreendedorismo e redes organizacionais no setor de saúde, quanto do ponto de vista social, dada a essencialidade dos hospitais e clínicas para o bem-estar da população brasileira (Smith et al., 2019; OMS, 2020).

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi delineada como um estudo de natureza aplicada, de abordagem mista, qualitativa e quantitativa, buscando compreender e mensurar o efeito das ações empreendedoras na sustentabilidade financeira e na longevidade dos grupos empresariais de saúde privada no Brasil. Conforme Galvão et al. (2021), os métodos mistos são eficazes para capturar múltiplas dimensões de fenômenos organizacionais, ao combinar dados numéricos e descritivos, sendo que o uso da triangulação metodológica permitiu validar os resultados por diferentes perspectivas, favorecendo maior robustez às conclusões obtidas.

Considerando o objetivo geral supracitado, foram definidos objetivos específicos que orientaram a coleta e a análise dos dados, a começar por caracterizar os grupos empresariais investigados; identificar elementos relacionados à sustentabilidade financeira e sua percepção associada às ações empreendedoras; e analisar relações entre variáveis latentes por meio de hipóteses fundamentadas no referencial teórico.

A população-alvo da pesquisa compreendeu grupos empresariais atuantes no setor de saúde privada no Brasil, abrangendo hospitais e clínicas sob gestão centralizada. Cabe destacar que embora o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) contabilize mais de 4.500 hospitais privados, apenas uma fração deles opera em formato de grupo empresarial, e que a amostra foi composta por 25 respondentes para a etapa quantitativa e 10 gestores entrevistados na etapa qualitativa. A amostragem foi não probabilística, por conveniência, tendo em vista as dificuldades de adesão observadas durante o processo de coleta, seguindo os preceitos de Cochran (1977).

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado contendo 56 questões, dividido entre dados sociodemográficos e variáveis ligadas às ações empreendedoras e à sustentabilidade financeira, instrumento que se mostrou adequado para captar percepções e comportamentos dos respondentes em pesquisas sociais aplicadas (Gil, 2010). Para este fim, um roteiro de entrevistas semiestruturadas foi aplicado

a gestores selecionados, a fim de aprofundar a compreensão sobre práticas de gestão adotadas nos grupos empresariais.

Os questionários foram elaborados com o auxílio do serviço Google Forms, com envio realizado por e-mail e aplicativos de mensagens. As entrevistas, por sua vez, foram conduzidas por meio do Google Meet, que envolveram gestores de áreas como administração, finanças e direção, cuja atuação contribuiu para a compreensão das ações empreendedoras nas organizações.

Na etapa de análise quantitativa, empregou-se a escala de Likert de sete pontos, conforme delimitado por Cunha (2007), para mensuração da intensidade das percepções dos respondentes sobre as práticas empreendedoras, sendo que os dados foram analisados por meio do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), com a aplicação do t de Student, Mann-Whitney, Pearson e Spearman, e nível de significância de 10%, apropriado para estudos com amostras reduzidas conforme Hair et al. (2009).

Os dados qualitativos, coletados por entrevistas semiestruturadas, foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo com codificação temática, seguindo os preceitos propostos por Laurence Bardin (2016), permitindo maior profundidade interpretativa e viabilizando a triangulação metodológica entre os dois tipos de dados. Quanto às limitações, a principal dificuldade foi a baixa taxa de adesão dos convidados, o que reduziu a amostra inicialmente projetada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes da pesquisa foram 25 respondentes, sendo a grande maioria gestores, administradores ou gerentes (92%), enquanto 8% eram proprietários das empresas. A maioria dos respondentes possui mais de seis anos de experiência no setor, o que indica uma amostra composta por profissionais com vasta vivência. Em relação à faixa etária, predominam os profissionais entre 41 e 50 anos (32%), seguidos por aqueles entre 31 e 40 anos (28%). A formação dos participantes é diversificada, com destaque para administradores de empresas (24%), seguidos por profissionais da área de medicina (16%) e enfermagem (16%).

As empresas participantes da pesquisa, extraídas dos 12 grandes grupos empresariais da saúde encontrados, variam consideravelmente em termos de tempo de funcionamento e número de colaboradores. A maioria das empresas (60%) possui mais de 16 anos de operação, o que denota uma base sólida e experiente no mercado. Em termos de número de colaboradores, 24% das empresas têm mais de 1.500 funcionários, enquanto 20% possuem entre 301 e 600 colaboradores e 20% até 50 funcionários.

Descrição dos itens da gestão de riscos operacionais

A maioria das empresas investigadas (76%) possui um planejamento formal para contingências, demonstrando que estão preparadas para lidar com perdas inesperadas, enquanto 24% não implementaram esse tipo de planejamento. Em relação ao plano de relacionamento com a comunidade, 56% das empresas afirmaram ter um plano formal, enquanto 44% não possuem essa estratégia definida. Esses dados indicam um esforço

considerável das empresas para mitigar riscos e interagir com a comunidade, embora haja espaço para melhorias, especialmente no que se refere ao relacionamento comunitário.

A gestão de riscos operacionais nas empresas demonstra uma clara preocupação com a prevenção de perdas financeiras, com uma média de 4,48, onde o valor máximo era de 5, indicando que as empresas estão atentas aos riscos de crédito, mercado e operacionais, como fraudes ou falhas em equipamentos e sistemas. As empresas também demonstram um forte compromisso com questões sociais e ambientais, com uma média de 4,68, refletindo um foco em práticas responsáveis, como a oferta de serviços de qualidade e impacto mínimo no meio ambiente. Ambos os itens apresentam uma avaliação positiva, mas com margem para aperfeiçoamento, conforme indicado pelos intervalos de confiança.

#### Descrição dos itens dos controles financeiros

Todas as empresas da pesquisa afirmaram possuir controles financeiros, e 100% delas utilizam esses controles para realizar o levantamento diário de sua situação financeira, demonstrando uma prática consolidada de monitoramento financeiro. No entanto, 20% das empresas não utilizam índices financeiros como Estrutura de Capital, Liquidez e Rentabilidade, o que sugere uma oportunidade de aprimoramento no uso de indicadores financeiros estratégicos para avaliação de desempenho e tomada de decisões.

Em relação aos tipos de controles financeiros utilizados, o controle de caixa e o controle de contas a receber/pagar são adotados por 96% das empresas, sendo os mais comuns. O controle de custos também é amplamente utilizado, por 92% das empresas, enquanto o controle de estoques e bancário são utilizados por 84% das empresas, evidenciando que a maioria das organizações adota uma abordagem sólida e abrangente para o gerenciamento de seus recursos financeiros.

#### Descrição dos itens da gestão do capital de giro

Em relação à gestão do capital de giro, 64% das empresas contratam empréstimos para esse fim, enquanto 36% não utilizam essa prática. Todas as empresas (100%) negociam prazos maiores com fornecedores para os pagamentos, o que indica uma estratégia comum para melhorar o fluxo de caixa. Além disso, todas as empresas possuem controle do fluxo de caixa, refletindo uma boa prática de gestão financeira e vigilância sobre os recursos disponíveis. No que diz respeito ao uso de empréstimos para investimentos, 56% das empresas recorreram a instituições de fomento, como BNDES ou BDMG, enquanto 44% não utilizaram esses recursos.

Em relação ao controle de caixa, parte das empresas realizam o controle de caixa em períodos que variam de 16 a 60 dias, com uma distribuição variada nos outros intervalos. As médias e intervalos de confiança dos itens relacionados à gestão de capital de giro indicam uma preocupação significativa com a sustentabilidade financeira.

A média de 4,80 para o gerenciamento de prazos de pagamento e giro de estoques sugere que as empresas têm políticas comerciais bem definidas para evitar a comprometimento do capital de giro. O item sobre os impactos de uma gestão inadequada

do capital de giro, com média de 4,48, destaca a importância desse controle para evitar problemas financeiros graves. Além disso, as empresas reconhecem a necessidade constante de investimentos em infraestrutura e serviços, com uma média de 4,44, refletindo a importância do financiamento a longo prazo para garantir a sobrevivência no setor.

#### Descrição dos itens da gestão de longo prazo

Todas as empresas participantes da pesquisa (100%) possuem missão, visão e valores claramente definidos, indicando um compromisso com a direção estratégica e o alinhamento organizacional. Além disso, a maioria das empresas (88%) implantou práticas formais de governança corporativa, e 96% mantêm uma clara divisão entre o patrimônio da empresa e o dos sócios, o que é essencial para garantir a separação entre os interesses pessoais e os da organização. A grande maioria (84%) também evita a prática de quitar dívidas pessoais dos sócios com recursos da empresa, refletindo uma gestão financeira responsável. Em termos de continuidade, 60% das empresas possuem um plano formal para garantir a continuidade dos negócios em caso de ausência de um dos sócios.

Os dados da gestão de longo prazo indicam que as empresas têm adotado práticas robustas para assegurar sua continuidade e estabilidade. A média de 4,48 para a comunicação da missão, visão e valores da empresa demonstra que os gestores estão comprometidos em comunicar de forma transparente o propósito da organização. A média de 4,68 sobre a governança revela que a separação do patrimônio pessoal e empresarial é uma prioridade, o que contribui para uma gestão mais profissional. Além disso, com uma média de 4,56 sobre o planejamento sucessório, as empresas reconhecem a importância de um plano formal para garantir a continuidade do negócio a longo prazo, especialmente no que diz respeito à sucessão e à definição de metas claras.

#### Descrição dos itens da competitividade e geração de valor

A maioria das empresas pesquisadas (92%) possui um plano estratégico formal, o que indica uma forte orientação para o planejamento e a organização das ações voltadas à competitividade. Além disso, 76% das empresas realizam investimentos regulares com foco na melhoria contínua, demonstrando uma busca constante por sustentação de vantagens competitivas no mercado.

Também é relevante que 88% das empresas afirmaram ter consciência dos fatores que impactam sua competitividade, como concorrência, participação de mercado, capital humano e inovação, revelando um nível elevado de maturidade estratégica. As médias dos itens avaliados reforçam essa percepção positiva. O planejamento estratégico foi altamente valorizado, com média de 4,84, apontando sua importância como ferramenta de inovação, sustentabilidade financeira e longevidade.

A média de 4,12 para a criação de valor mostra que, embora reconhecida, ainda há espaço para aprimorar práticas constantes de diferenciação frente à concorrência, e o entendimento da competitividade como um processo dinâmico, condicionado por fatores

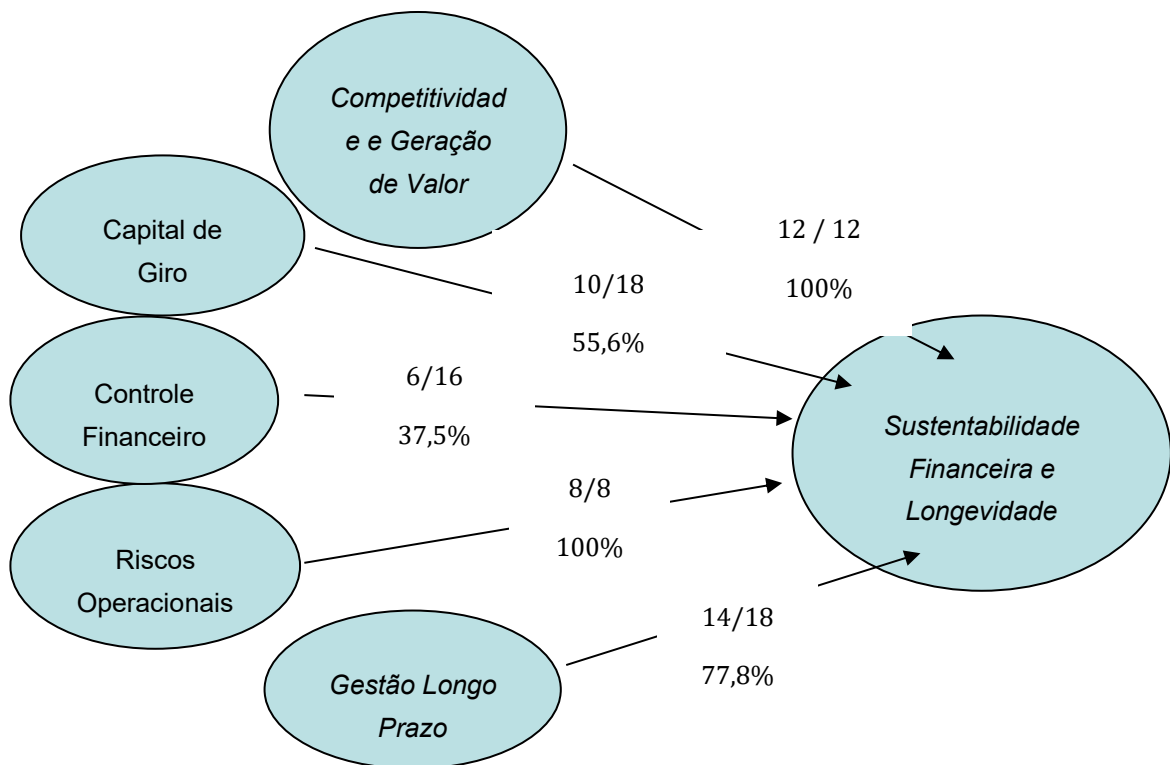
internos e externos, obteve média de 4,72, evidenciando o reconhecimento da necessidade de adaptação contínua ao ambiente de negócios para manter o desempenho e a eficiência.

#### Teste das hipóteses da pesquisa

Para responder ao objetivo principal deste estudo, foram aplicados testes de comparação envolvendo dois grupos independentes, um para o caso dos itens utilizados para mensuração das variáveis latentes que são binários (sim ou não), e os índices de correlação para os índices numéricos, conforme descrito na metodologia de análise.

Neste estudo, foram descritas 5 variáveis latentes, explicadas por 37 variáveis indicadoras. Na figura 1 é apresentado um diagrama de caminhos utilizado para testar as hipóteses de estudo, que descreve as relações causais existentes entre as diversas variáveis sob estudo. Para o problema em questão, o diagrama mostra as relações entre as variáveis latentes, a saber a Gestão do Capital de Giro, Controle Financeiro, Riscos Operacionais, Competitividade e Geração de Valor e Gestão de Longo Prazo e a Sustentabilidade Financeira e Longevidade.

**Figura 1:** Relação entre itens das variáveis latentes e a sustentabilidade financeira e longevidade



**Fonte:** Elaboração própria (2024).

Relação entre riscos operacionais e sustentabilidade financeira e longevidade

A análise estatística revelou que empresas que possuem planejamento para contingências apresentam níveis significativamente superiores de Sustentabilidade Financeira e Longevidade em comparação às que não possuem esse tipo de preparo, sendo que essa diferença foi confirmada tanto pelo teste paramétrico (teste t) quanto pelo não paramétrico (Mann-Whitney), com p-valor inferior a 0,10 em ambos os casos. Esse resultado confirma os achados de Oliveira e Almeida (2021), que destacam a importância de ferramentas de contingência estruturadas na resiliência organizacional.

Além disso, a existência de um plano formal de relacionamento com a comunidade também se mostrou positivamente associada à sustentabilidade e longevidade, com diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,10$ ), indicando que empresas socialmente conectadas tendem a apresentar maior estabilidade financeira e operacional. A correlação estatística foi igualmente significativa ao se analisar os coeficientes de Pearson e Spearman entre os itens de riscos operacionais e os indicadores de sustentabilidade.

Empresas com maior percepção sobre os riscos de crédito, mercado e operacionais, e que implementam estratégias para mitigar essas ameaças, tendem a alcançar melhores resultados em termos de continuidade e estabilidade, como reforçado por Silva e Santos (2021). Ainda, quanto mais a empresa se posiciona como social e ambientalmente responsável, oferecendo serviços de qualidade e prezando pelo relacionamento com a comunidade, maior é a percepção de sua sustentabilidade financeira e longevidade. Neste aspecto, Marques (2015) afirma que práticas de responsabilidade social empresarial impactam positivamente a reputação, fidelização de clientes e desempenho financeiro, fortalecendo a competitividade e a sustentabilidade a longo prazo.

#### Relação entre controles financeiros e sustentabilidade financeira e longevidade

A análise estatística indica que a sustentabilidade financeira e longevidade das empresas é significativamente maior entre aquelas que utilizam ferramentas avançadas de controle financeiro, como controle bancário, controle de custos e análise de índices financeiros (estrutura de capital, liquidez e rentabilidade). Os testes estatísticos, tanto o paramétrico (teste t) quanto o não paramétrico (Mann-Whitney), apresentaram p-valores inferiores a 0,10.

Evidenciando uma relação positiva e estatisticamente significativa entre essas práticas e os resultados financeiros sustentáveis, esses achados corroboram os estudos de Comini et al. (2020), que enfatizam a importância de controles financeiros bem estruturados como alicerce para a sustentabilidade das organizações, e de Oliveira e Lopes (2021), que destacam a relevância dessas práticas para a estabilidade e crescimento a longo prazo.

Em contrapartida, os resultados mostram que não há diferenças estatisticamente significativas na sustentabilidade e longevidade entre as empresas que utilizam controles mais básicos, à exemplo de controle de caixa, contas a receber/pagar e controle de estoques, uma vez que os p-valores obtidos nos testes superaram o limite de significância de 0,10. Cabe destacar que como todas as empresas da amostra afirmaram possuir controles

financeiros e usá-los no dia a dia, não foi possível realizar análise comparativa para esses dois itens.

#### Relação entre gestão de capital de giro, sustentabilidade financeira e longevidade

A análise estatística revelou resultados distintos sobre a relação entre a gestão do capital de giro e a sustentabilidade financeira e longevidade das empresas, considerando que enquanto o teste paramétrico (teste t) não indicou diferenças significativas entre empresas que contrataram empréstimos para capital de giro ou para investimentos e aquelas que não o fizeram ( $p$ -valor  $> 0,10$ ), o teste não paramétrico (Mann-Whitney) identificou uma diferença significativa no caso específico das empresas que contrataram empréstimos para capital de giro, com  $p$ -valor de 0,020, evidenciando melhor desempenho em sustentabilidade financeira e longevidade nesse grupo.

Não foi possível realizar comparações com relação à negociação de prazos com fornecedores e ao controle do fluxo de caixa, pois todas as empresas adotam essas práticas, limitando a variabilidade para análise comparativa. No que se refere à análise de correlação, observou-se uma relação significativa entre a maioria dos itens que compõem a gestão do capital de giro e os indicadores de sustentabilidade financeira e longevidade.

Tanto no coeficiente de Pearson quanto no de Spearman ( $p < 0,10$ ), com exceção do item relacionado à observância dos prazos médios de pagamentos e giro de estoques, que não apresentou correlação significativa no teste não paramétrico. Portanto, quanto maior a atenção das empresas aos aspectos estratégicos do capital de giro, maior tende a ser sua capacidade de manter estabilidade financeira e garantir sua longevidade no mercado.

#### Relação entre gestão de longo prazo e sustentabilidade financeira e longevidade

Os dados indicam que a Sustentabilidade Financeira e Longevidade são significativamente maiores em empresas que adotam práticas formais de governança corporativa, possuem clareza na separação entre o patrimônio da empresa e dos sócios, dispõem de um plano formal de continuidade em caso da ausência de um dos sócios e implementam práticas de compliance. Em todos esses casos, os testes estatísticos (paramétrico e não paramétrico) apresentaram  $p$ -valores inferiores a 0,10, confirmando a relevância dessas práticas para a estabilidade e perpetuação das organizações.

Por outro lado, não foram encontradas diferenças significativas quanto à sustentabilidade entre empresas que utilizam recursos empresariais para quitar dívidas pessoais dos sócios e as que não o fazem. Cabe destacar que também não foi possível comparar empresas quanto à definição de missão, visão e valores, uma vez que todas afirmaram possuir esses elementos.

A análise de correlação revelou que todas as questões relacionadas à gestão de longo prazo possuem associação estatisticamente significativa e positiva com a sustentabilidade financeira e a longevidade. Com  $p$ -valores abaixo de 0,10 tanto nos testes de Pearson quanto de Spearman. Assim, quanto maior a atenção das empresas aos pilares da gestão de longo prazo, maior tende a ser sua capacidade de se manterem estáveis e sustentáveis no tempo.

Relação entre competitividade e geração de valor e sustentabilidade financeira e longevidade

A análise estatística demonstrou que empresas que possuem plano estratégico formal, realizam investimentos regulares com foco em melhoria contínua e têm consciência dos principais fatores que impactam sua competitividade apresentam níveis significativamente superiores de Sustentabilidade Financeira e Longevidade. Essa constatação foi validada tanto pelo teste paramétrico (teste t) quanto pelo não paramétrico (Mann-Whitney), com p-valores inferiores a 0,10. A correlação entre os itens de Competitividade e Geração de Valor e os indicadores de sustentabilidade também foi significativa nos coeficientes de Pearson e Spearman, indicando que essas variáveis estão fortemente relacionadas.

Conforme destacado por Duarte e Deus (2020), o planejamento estratégico bem estruturado não apenas potencializa o desempenho financeiro, mas também sustenta práticas que garantem a longevidade empresarial. Sacange et al. (2021) demonstram que a competitividade baseada em inovação e eficiência operacional é essencial para a sustentabilidade financeira das empresas, uma vez que permite melhor adaptação às mudanças do mercado. Assim, pode-se concluir que quanto maior a atenção das empresas aos fatores que compõem a Competitividade e Geração de Valor, maior é a probabilidade de se manterem sustentáveis e longevas no mercado.

Relação entre as variáveis e sumário dos resultados obtidos para as hipóteses da pesquisa Revisitando os tópicos que foram analisados até o presente momento, conclui-se que todas as hipóteses formuladas foram confirmadas com significância estatística, indicando que as cinco dimensões das ações empreendedoras, à saber: gestão de riscos operacionais; controles financeiros; gestão do capital de giro; gestão de longo prazo; e competitividade com geração de valor, apresentaram correlações positivas com ambas as variáveis dependentes: sustentabilidade financeira e longevidade organizacional.

**Tabela 1** - Sumário dos Resultados Obtidos para as Hipóteses da Pesquisa

HIPÓTESE	RELAÇÃO AVALIADA	% ITENS CORRELACIONADOS	DECISÃO
H1	A Competitividade e Geração de Valor influenciam positivamente a Sustentabilidade Financeira e Longevidade	100%	Aceita
H2	A Gestão do Capital de Giro influencia positivamente a Sustentabilidade Financeira e Longevidade	55,6%	Aceita
H3	O Controle Financeiro da rede de saúde influencia positivamente	37,5%	Aceita

	Sustentabilidade Financeira e Longevidade		
<b>H4</b>	A Gestão de Riscos Operacionais influencia positivamente Sustentabilidade Financeira e Longevidade	100%	Aceita
<b>H5</b>	A Gestão de Longo Prazo influencia positivamente na Sustentabilidade Financeira e Longevidade	77,8%	Aceita

**Fonte:** Elaboração própria (2024).

Esses resultados reforçam a hipótese central do estudo de que ações empreendedoras, quando sistematizadas no contexto dos grupos empresariais de saúde privada, contribuem de forma direta para a estabilidade financeira e a continuidade institucional no longo prazo. A síntese apresentada na Tabela 1 evidencia a força dessas relações, com destaque para os menores valores de  $p$  ( $< 0,01$ ), que indicam elevado grau de confiabilidade nos resultados. Esse conjunto de evidências empíricas confirma a relevância das práticas empreendedoras como instrumento estratégico para a sustentabilidade do setor de saúde, principalmente em grupos empresariais.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo mensurar o efeito das ações empreendedoras na sustentabilidade financeira e na longevidade dos grupos empresariais de saúde privada no Brasil, explorando dimensões envolvendo a gestão de riscos operacionais, controles financeiros, capital de giro, gestão de longo prazo e competitividade. Os resultados quantitativos demonstraram correlações estatisticamente significativas e positivas entre essas variáveis e os desfechos de sustentabilidade e longevidade, com destaque para a superioridade dos indicadores em empresas que adotam práticas formais de governança, planejamento estratégico, controle financeiro consistente e investimentos contínuos.

A gestão eficiente de capital de giro, a adoção de mecanismos de compliance e a consciência sobre fatores de competitividade também se revelaram determinantes para o desempenho sustentável das organizações analisadas. As análises qualitativas reforçaram esses achados ao evidenciar uma cultura organizacional pautada em práticas gerenciais modernas, como a profissionalização da gestão, o foco em inovação, o relacionamento com a comunidade e o compromisso com a responsabilidade social. Como resultado, conclui-se que abordagens sistêmicas, baseadas em planejamento de longo prazo e ações empreendedoras estruturadas, são fundamentais para fortalecer a resiliência financeira e garantir a continuidade das instituições em um ambiente econômico desafiador.

## Referências

- Allebrandt, M. V., Santos, R. P. dos, & Garcia, L. P. (2020). Pandemia de COVID-19: impactos na saúde e desafios para os sistemas de saúde no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, e200063.
- American Hospital Association (AHA). (2021). *Financial Stability of America's Hospitals and Health Systems*. AHA Report.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (Edição revista e ampliada). Edições 70.
- Branco, M. C. (2013). Sustentabilidade e empreendedorismo: uma abordagem integrada. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 2(3), 85–104.
- Chassagnon, V. (2014). Firm as a "network within a network": From organizational network to interorganizational network. *Journal of Management and Governance*, 18(4), 983–1004.
- Cochran, W. G. (1977). *Sampling Techniques* (3rd ed.). John Wiley & Sons.
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (4th ed.). SAGE Publications.
- Cunha, M. P. e. (2007). Escalas de medida em pesquisa organizacional: construção, validação e aplicações. In *Metodologia de pesquisa em administração* (pp. 141–165). Atlas.
- Fraenkel, J. R., Wallen, N. E., & Hyun, H. H. (2014). *How to design and evaluate research in education* (9th ed.). McGraw-Hill.
- Franco, M. (2001). As redes sociais e o empreendedorismo: uma abordagem relacional do processo empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea*, 5(1), 209–228.
- Galvão, T. C. S., Meirelles, F. de S., & Teixeira, M. A. C. (2021). Métodos mistos de pesquisa: fundamentos e aplicações. *Revista Administração em Diálogo*, 23(2), 1–18.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5ª ed.). Atlas.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate Data Analysis* (7th ed.). Pearson.
- Kvale, S., & Brinkmann, S. (2009). *InterViews: Learning the craft of qualitative research interviewing* (2nd ed.). SAGE Publications.
- Lima, M. A., Silva, A. M. da, & Castro, J. P. (2022). Redes empresariais e governança interorganizacional: desafios e oportunidades. *Revista Gestão & Tecnologia*, 22(1), 155–172.
- Matias, A. B. (2007b). Estratégia de redes de empresas: novas perspectivas para a competitividade. *Revista de Administração da UFSM*, 1(1), 137–151.
- Mierzejewska, B. I. (2020). Intraorganizational networks and coordination in diversified firms. *Journal of Communication Management*, 24(3), 213–228.
- Mierzejewska, B. I., & Dziurski, P. (2023). Corporate entrepreneurship in business groups: coordination mechanisms and strategic renewal. *European Management Journal*, 41(1), 90–103.
- Mungule, L., & Van Vuuren, J. J. (2016). Entrepreneurial orientation and firm performance: The mediating role of knowledge management. *International Journal of Innovation and Economic Development*, 2(6), 40–48.
- Nguyen, T. V., Ngo, L. V., Bucic, T., & Phong, N. D. (2020). Innovation capability and performance: The role of entrepreneurial orientation and dynamic capabilities. *International Journal of Innovation Management*, 24(1), 2050003.
- SINDHOSP. (2020). Ao UOL, presidente do SindHosp afirma que saúde privada perde R\$ 18 bi na pandemia. Recuperado de <https://sindhosp.org.br/ao-uol-presidente-do-sindhosp-afirma-que-saude-privada-perde-r-18-bi-na-pandemia/>
- Smith, M. K., Lewis, M. W., & Tushman, M. L. (2019). "Both/And" Leadership: A Review and Research Agenda. *Academy of Management Journal*, 62(5), 1283–1309.
- Weerawardena, J., McDonald, R. E., & Mort, G. S. (2010). Sustainability of nonprofit organizations: An empirical investigation. *Journal of World Business*, 45(4), 346–356.
- World Health Organization (OMS). (2020). *Strengthening the Health Systems Response to COVID-19: Technical Guidance*. WHO Regional Office for Europe.